

# A LITERATURA INFANTIL E AS LENDAS REGIONAIS: UM OLHAR MAIS ATENTO PARA A CULTURA INDÍGENA RORAIMENSE

---

**María Georgina dos Santos Pinho e Silva**

Licenciada em Letras e Professora de Literatura na Universidade Estadual de Roraima.  
georginapinho@hotmail.com

**Sheila Praxedes Pereira Campos**

Licenciada em Letras e Professora de Literatura na Universidade Estadual de Roraima.  
sheilapraxedes@ig.com.br

## RESUMO

Este trabalho apresenta o resultado de um projeto que teve como produto o registro de narrativas orais conservadas na memória de alguns habitantes do Distrito do Surumu, comunidade indígena localizada na Reserva Indígena Raposa Serra do Sol. Desenvolvido na disciplina de Literatura Infantil, com os acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Roraima, o projeto teve a finalidade de coletar e registrar as lendas da comunidade, culminando na produção de um livro de literatura infanto-juvenil que divulgasse a cultura indígena, bem como desenvolver possibilidades de trabalhos pedagógicos no âmbito educacional. Para tanto, utilizou-se a pesquisa qualitativa com foco descritivo como metodologia. Após a consolidação do trabalho, observaram-se mudanças significativas nos acadêmicos com relação à leitura literária e ao trabalho com a literatura infantil.

## PALAVRAS-CHAVE:

Leitura.Infantil.Cultura.Indígena.

## ABSTRACT

*This paper presents the results of a project that had as a product registration of oral narratives preserved in the memory of some residents of Surumu District, State of Roraima, in the indigenous community located in the Reserve 'Raposa Serra do Sol'. Developed in the Children's Literature subject, with the scholars of the Pedagogy Course at the State University of Roraima. The project aimed to collect and record the legends of the community, culminating with a production of a children's literature book that divulged the local indigenous culture and to develop educational opportunities to work in education. For such, it was used a qualitative research with focus as a descriptive methodology. After the consolidation of the work, we observed significant changes in academics, literary approach to reading and working with Children's Literature.*

## KEYWORDS:

*Reading. Children's Literature. Indigenous Culture.*

## INTRODUÇÃO

A Universidade Estadual de Roraima (doravante apenas UERR) tem natureza e estrutura *multicampi*, estando presente em 15 localidades do Estado. Isso inclui o Distrito do Surumu, comunidade tipicamente indígena, situado na entrada principal da Reserva Indígena Raposa Serra do Sol, um conjunto de comunidades organizadas em quatro regiões com seus coordenadores: Serras, Surumu, Baixo Cotingo e Raposa. Localizada ao nordeste de Roraima, ocupa 7,7% do Estado com 194 comunidades e uma população 19.025 indígenas. Dentro deste contingente, a região do Surumu tem 21 comunidades com 2.606 indígenas (CIR, 2008).

Nesse cenário, a UERR atende no Surumu acadêmicos de diversos grupos indígenas como Macuxi, Taurepang, Wapixana, e outros, oportunidade em que, durante o primeiro semestre de 2009, com base no diagnóstico realizado em sala de aula, foi constatada a falta de conhecimento sobre as lendas regionais, conservadas apenas na memória dos moradores mais antigos da comunidade. Com isso, foi possível traçar uma abordagem cuja metodologia consistiu na coleta e posterior registro de algumas narrativas orais.

Como os alunos investigados eram em sua maioria professores, o objetivo final era retratar a cultura indígena e as diversas possibilidades de práticas pedagógicas que poderiam ser desenvolvidas em sala de aula, alargando o conhecimento sobre a heterogeneidade de lendas primordiais existentes no Estado, já que por meio delas se expressam costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos, e se revelam na memória e na imaginação de um povo.

Além disso, a temática foi necessária para mostrar outras visões das narrativas, tendo em vista que a escola, em geral, só apresenta a versão dos contos de fadas, consciente do fascínio das crianças pelas histórias de fadas, príncipes e princesas, bruxas, magos, madrastas, duendes e animais que voam, falam etc. No entanto, essas mesmas crianças que conhecem os personagens de histórias europeias desconhecem as lendas regionais existentes não só em seu país natal, como também no Estado, como as poucas coletadas no Surumu.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **1. UM OLHAR MAIS ATENTO PARA A LEITURA DE LIVROS INFANTIS**

Não se pode negar que desde os primeiros momentos de vida o homem busca desvendar tudo que o cerca. E, mesmo que ele ainda não saiba, isso já é uma forma de leitura. Para tanto, é preciso criar meios que despertem na criança o prazer pela leitura literária. Por isso, a literatura infantil não deve ser trabalhada em sala de aula necessariamente com a finalidade pedagógica ou didática, pois Bettelheim (2009, p. 11) afirma que “as histórias devem ajudar a criança a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções, estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações”. Desta forma, a literatura é a possibilidade de fazer o encontro entre a leitura de mundo e a leitura da arte.

Isto porque, para muitos, a leitura de livros literários infantis é vista como arte e deleite. Por isso, o termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças. Na verdade, a literatura infantil acaba sendo aquela que corresponde, de alguma forma, aos anseios do leitor e que se identifica com ele, independente da idade, visto que “a literatura infantil é uma semente fecunda, carregada de vida, pronta para desabrochar na mente e no coração dos leitores a esperança de um futuro mais humano” (OLIVEIRA, 2008, p.35).

Desta forma, a leitura é a base para o trabalho do professor, independente do contexto onde irá atuar, considerando que um profissional que trabalha estreitamente com a leitura e a escrita no cotidiano da sala de aula é uma referência importante na formação do aluno leitor. Segundo Silva (1991, p. 20),

[...] em termos de relação pedagógica no contexto escolar, nada - texto áudio visual, técnica ou tecnologia - substitui a palavra do professor, sua presença, seu exemplo, seu conhecimento e seu testemunho nos momentos das práticas educativas. Quero dizer com isto que o professor, enquanto mediador no processo de produção de conhecimento, e enquanto interlocutor que nomeia, conta, aponta coisas, organiza idéias, faz um grupo avançar etc., constitui-se, ele próprio, no principal "livro" a ser lido e estudado pelos alunos.

Neste contexto, surge a necessidade do professor ser consciente do papel da literatura para concepção de mundo do aluno e para a construção do aluno leitor. Daí a importância de trabalhar os textos literários, que garantam não só torná-lo um conhecedor do código escrito, mas um indivíduo que poderá circular entre a informação e a formação interior, já que a literatura se comunica com conteúdos e valores humanos.

A partir dessa ótica, e considerando que a leitura possui múltiplos valores em nossa cultura e que a escola indígena conta com respaldo legal que lhe garante um tratamento diferenciado e próprio, conforme assegura o artigo 78 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, foram feitas algumas indagações sobre como a leitura vinha sendo praticada nas escolas indígenas do distrito do Surumu: o que se lê, para quê se lê e como se lê.

Numa acepção limitada, mais acadêmica, a leitura pode significar a criação de métodos teóricos e metodológicos de confronto e análise do texto, de um autor e de sua obra (MAIA, 2007). Por isso, para trabalhar a literatura infantil com os acadêmicos indígenas da Reserva Indígena Raposa Serra do Sol foi necessário considerar o disposto nos Referenciais para a Formação dos Professores Indígenas (MEC, 2005). Este documento recomenda levar em conta as estruturas sociais da comunidade, suas práticas socioculturais e religiosas, suas formas de produção de conhecimento, seus processos próprios e métodos de ensino-aprendizagem, suas atividades econômicas e o uso de materiais didático-pedagógicos produzidos de acordo com o seu contexto sociocultural.

## 2. O ENTRELAÇAR DE FIOS NO CONTEXTO DAS NARRATIVAS INDÍGENAS

Desde o princípio as narrativas estão presentes na sociedade, em grupos, classes sociais e etnias, perpassando de uma época para outra até os tempos contemporâneos, sendo, por isso, inumeráveis (COELHO, 2000). No Brasil, o cenário também é rico em narrativas e a sua origem está ligada aos povos indígenas, povos que sofreram mudanças significativas na sua cultura, sendo um dos maiores problemas que a sociedade brasileira enfrenta nos dias atuais. Todavia, as narrativas são instrumentos de fortalecimento cultural, como afirma Barthes (2008, p. 19):

A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades, a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos tem suas narrativas, e freqüentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmos opostas.

Assim, a leitura das narrativas é uma atividade fundamental na formação do indivíduo, visto que o encontro com a leitura proporciona ao homem a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Como caracteriza Silva (1987, p. 45) “ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo”.

O autor concebe a leitura como uma ferramenta para o processo de reconstrução da sociedade, uma vez que se utiliza de palavras como conscientização, compreensão e transformação, porém, ao mesmo tempo delata a falta de uma política de direito à leitura: “na sociedade brasileira, constituída de classes com interesses antagônicos, a leitura se apresenta como uma questão de privilégio e não de direito de toda a população” (SILVA, 1991, p. 15).

Em Roraima não é diferente. Tem-se observado a necessidade de desenvolver projetos de leitura voltados para ativar no aluno o gosto pelo livro para que ele supere as dificuldades inerentes ao texto. No entanto, as escolas da capital são as mais privilegiadas para a execução destes projetos, deixando à margem as escolas do interior, especialmente as localizadas nas reservas indígenas. Visto dessa forma, uma das razões para a execução da pesquisa foi registrar as narrativas orais, em virtude da escassez de material didático contextualizado para

trabalhar a literatura infantil regional com os acadêmicos indígenas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Roraima-UERR.

Assim, se por um lado o registro das narrativas lendárias é uma ferramenta para o fortalecimento da identidade e revitalização da cultura local, uma vez que tais conhecimentos constituem o patrimônio e a memória, história particular desse povo nas quais os acadêmicos pertencem, por outro lado, elas podem também ser essenciais para desenvolver capacidades e motivações para os acadêmicos se organizarem e mobilizarem suas comunidades na reflexão e formulação coletiva de projetos que colaborem com o desenvolvimento da comunidade.

Além disso, o livro de literatura infantil servirá de material didático para as escolas das reservas indígenas, bem como as da capital, pois foi levado em consideração a LDB nº. 9394, art. 79 § 2º, inciso IV, que assegura a elaboração e a publicação “sistematicamente de material didático específico e diferenciado”. Sem falar que a leitura do livro pode contribuir para auxiliar os alunos lembrarem como viviam seus antepassados, já que “os conhecimentos constituem o patrimônio e a memória histórica particular do povo” (BRASIL, 2005).

Vale ressaltar que estas narrativas são apenas sugestões de leituras e atividades e não um modelo único a ser seguido. O que se pretende é que elas sejam inseridas no contexto de sala de aula possibilitando aos professores outros tipos de leituras com alunos. Pois o que se costuma trabalhar em sala de aula são as fábulas de Esopo, os contos de fadas de Perrault, dos irmãos Grimm, e os contos de Andersen, muitos deles inspirados no folclore dinamarquês, chegando à releitura dessas versões feita por autores contemporâneos.

Isto não quer dizer que a leitura destes textos não seja importante e não deva ser apreciada e trabalhada em sala de aula. No entanto, se as lendas fossem trabalhadas nas escolas, especificamente nas indígenas, teriam mais aceitação e a aplicação na própria comunidade seria mais significativa. Isto cumpre um importante papel educacional e intercultural fora da comunidade étnica, fortalecendo as relações de respeito com a sociedade nacional por meio da difusão e divulgação desses conhecimentos culturais diversos.

Assim, tendo por base os Referenciais para Formação de Professores Indígenas (MEC, 2005, p.60), que expõe:

Os materiais assim elaborados registram, sistematizam, valorizam e divulgam aspectos culturais próprios de uma determinada etnia ou apropriados à dinâmica das relações interculturais. Eles refletem, em sua concepção, as orientações metodológicas e curriculares dos cursos, estabelecendo-se uma articulação entre conteúdo e procedimentos didáticos, constituindo-se instrumentos básicos no processo de ensino e aprendizagem. Dessa maneira, os professores estarão trabalhando em suas escolas com metodologias que dominam e com temas que lhes são familiares e significativos.

Roraima ainda desconhece a existência de muitas lendas, por isso, é oportuno ter esse novo olhar para as narrativas regionais, que podem contribuir para subsidiar não só os alunos, mas a comunidade a revitalizar sua ancestralidade como forma de se perceberem pertencentes a uma cultura de tradição milenar, a um povo, a toda uma história que vem sendo construída muito antes de eles nascerem. Acredita-se que permitirá aos alunos um maior comprometimento com sua própria história e também mais respeito pela trajetória do outro, tornando a sala de aula um ambiente propício para convivência entre as diversas culturas, valorizando a forma como cada uma foi construída.

### 3. METODOLOGIA

A opção por realizar uma pesquisa com enfoque qualitativo descritivo surgiu a partir da observação e avaliação realizadas em sala de aula. Inicialmente foi feito um diagnóstico com os 20 acadêmicos do curso de Pedagogia para obter o perfil do aluno em relação à leitura de livros literários. Uma observação pertinente é que a maior parte dos acadêmicos atuam como professores nas escolas municipais e estaduais existentes na reserva. Além disso, constatou-se que não gostavam de ler e não tinham muita informação a respeito dos contos, fábulas e lendas. Essa observação foi o fator instigante para o desenvolvimento da pesquisa com o título “*Desvendando as Narrativas Oraís no Distrito Surumu - Reserva Indígena Raposa Serra do Sol*”.

Para tanto, a fim de aprofundar neste trabalho, a discussão sobre as narrativas, foi necessário fazer uma abordagem que garantisse a compreensão do trabalho, com a intenção de registrar as narrativas existentes na comunidade cuja finalidade fosse despertar o interesse dos alunos pela leitura literária. Em primeira instância, a disseminação das informações sobre o projeto deu-se com

os acadêmicos da disciplina de literatura infantil e, posteriormente, para alguns líderes (Tuxauas) das comunidades.

O ponto de partida para alcançar esse objetivo desenvolveu ações que envolveram os acadêmicos com leituras de textos variados e contextualizados que fossem capazes de acrescentar novas dimensões à vida dos leitores, visto que

com ele aprende-se, compara-se, discerne-se, questiona-se, investiga-se, imagina-se, viaja-se, emociona-se, diverte-se, amadure-se, transforma-se, vive-se, desenvolve-se a sensibilidade estética e a expressão linguística, adquire-se cultura, contata-se com mais diferentes visões do mundo etc. (BRAGATTO Filho, 1995, p. 14)

Depreende-se daí o reconhecimento do autor sobre a essência do texto literário como arte e deleite para conquistar o leitor. Por isso, sabendo da falta de motivação dos alunos para a leitura, o passo seguinte foi a divisão da turma em cinco grupos, com orientação acerca dos procedimentos para o cumprimento das etapas do projeto. Também foi entregue um roteiro de entrevista que deveria ser realizada pelos diferentes grupos com o fim de conhecer o perfil das pessoas que colaborariam para a realização da proposta, tendo como produto final um livro de literatura infantil.

Assim, por serem as narrativas o objeto de pesquisa, primeiramente solicitou-se aos acadêmicos a leitura e a análise de alguns textos teóricos, paralelamente ao desenvolvimento normal da disciplina. Os textos trouxeram valiosas abordagens, complementando as informações dos acadêmicos quanto às narrativas. Além disso, trabalhar com alguns livros e textos foi considerado imprescindível para expansão da multiculturalidade desses acadêmicos, possibilitando o acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade nacional. De igual modo, considerou-se importante fazer a análise estrutural e literária dos contos de fadas da literatura clássica, poemas, fábulas, bem como algumas lendas produzidas por autores da região. Isso foi um meio de “estabelecer a possível relação entre literatura, leitura e prazer”, no dizer de Maia (2007, p. 52), e também garantir acesso aos conhecimentos literários, sem precisar negar sua especificidade cultural e sua identidade.

Na sequência, os acadêmicos fizeram o levantamento das lendas que eram contadas na comunidade. Logo após, os grupos se organizaram para a coleta das narrações, muitas existentes somente na lembrança de alguns moradores do Surumu. O material compilado resultou na produção um livro de

literatura infantil contendo seis narrativas as quais foram ilustradas pelos próprios grupos: “Lenda da Serra do Banco”, “Lenda da Comunidade do Barro”, “Lenda do Jacurutu”, “Lenda do Rio Surumu”, “Lenda da Serra do Marari” e “Lenda Indígena Macuxi”.

Ao final do trabalho, cinco alunos se pronunciaram quanto à execução do projeto. As informações contidas nos depoimentos dos acadêmicos e nas entrevistas de três moradores serviram também para a coleta de dados.

#### **4. DISCUSSÕES E RESULTADOS**

O livro sobre as lendas do Surumu, que tem como cenário de suas histórias o chão roraimense, colabora com o resgate da herança cultural de um povo que perpetua de geração a geração, podendo ser utilizado em sala de aula ao possibilitar o desenvolvimento de várias temáticas, entre elas os aspectos da cultura indígena, seu o modo de vida, crenças, alimentos e etc. As narrativas coletadas oportunizarão conhecimentos, sabedoria e valores advindos dos povos indígenas.

Assim, por ser um livro de literatura infanto-juvenil, contendo as lendas regionais, era necessário que as ilustrações fossem visualmente atraentes para chamar a atenção do leitor. Conforme Oliveira (2008, p.68), “a ilustração criativa permite ao leitor, criança ou não, invocar a imaginação, a fantasia, provocar o riso e o convite para brincar”. Por outro lado, no processo de produção do livro houve algumas elaborações de versões experimentais, possibilitando a correção ortográfica, complementação e modificação.

A socialização das lendas antes da publicação foi muito importante, sobretudo, quando se trata da história da cultura de um povo. O livro constituiu-se como veículo de divulgação da cultura, da arte e de outros aspectos da vida e do saber dos povos indígenas. A primeira versão está na fase de formatação e será em português, mas, posteriormente, será na língua materna, para que passem a integrar o acervo cultural estadual e nacional. A divulgação vai colaborar para o reconhecimento, a valorização e a compreensão da diversidade étnica, linguística e cultural.

Entre as seis narrativas coletadas, destaca-se primeiramente a “Lenda da Serra do Banco” que conta a história do casamento da filha do Chefe da aldeia. O relato mostra a concepção de competição praticada para provocar a

participação de todos na busca de um resultado satisfatório, sendo o vencedor digno de receber, por esposa, a filha do chefe.

Outra narrativa pesquisada, a “Lenda da Comunidade do Barro”, conta que a descoberta da argila, fonte do sustento da comunidade, adequada para a fabricação de potes, panelas telhas e outros objetos, originou o nome da comunidade. A lenda inspira o desenvolvimento de trabalhos práticos em sala de aula como, por exemplo, a produção de objetos de argila para decoração, utensílios domésticos, revelando a relação do indígena com o trabalho artesanal.

A “Lenda do Jacurutu” narra a história de uma jovem que perdeu a vida por não obedecer às orientações de sua irmã mais velha. A narração possibilita problematizar questões como desobediência, analisando a relação fraternal na sociedade indígena e não-indígena.

A “Lenda do Rio Surumu” mostra o modo de vida das tribos Yanomami e Macuxi. Não existia um bom relacionamento entre esses povos, resultando em conflito constante. No entanto, devido ao desaparecimento de um índio yanomami e de uma índia macuxi, as tribos se uniram para juntas resolverem a questão. A narrativa mostra que apesar das pessoas serem de diferentes etnias, elas podem ter uma boa convivência. No Distrito Surumu isso é notório, considerando a diversidade de povos que residem na comunidade.

A “Lenda da Serra do Marari” discorre que o nome da serra se deu a partir junção do nome “mãe” e “arari”, que em macuxi significa mãe das lagartas. A narrativa oportuniza desenvolver trabalhos com os significados dos nomes indígenas, a vegetação, solo, meio ambiente e etc.

A “Lenda Indígena Macuxi” relata a herança que o povo macuxi recebeu de Deus. Com essa narrativa é possível verificar os conhecimentos sobre as crenças, mitos, pesca e caça existentes na comunidade, promovendo a troca de saberes culturais em sala de aula, intensificadas pelas visões de mundo do aluno e de outras leituras de seus colegas.

Com relação à descrição das experiências individuais dos acadêmicos com leitura literária iremos nomeá-los como A, B, C, D e E. O acadêmico “A” expôs a necessidade de adquirir o hábito de leitura a fim de relacionar o conteúdo da leitura com situações reais, pessoais ou não, e que o trabalho de registro das lendas foi o passo para o despertar da prática da leitura. O acadêmico “B” comentou que a leitura dos textos o ajudou a conscientizar-se sobre a necessidade de uma postura crítico-reflexiva, caracterizando-o com leitor sujeito de

sua própria formação cultural, pois ele só chegou a esse nível de pensamento em virtude da diversidade de leituras textuais no decorrer da disciplina de literatura infantil.

O acadêmico “C” assumiu saber que a leitura deveria ser imperativa na vida dele, no entanto, precisava dar continuidade ao processo de leituras iniciada durante a disciplina de literatura infantil. Isso se deu em virtude de não ter sido estimulado para a leitura quando criança. O acadêmico “D” enfatizou que projeto o ajudou a ter um outro olhar para as lendas, pois até então estas lendas não eram contadas em sala de aula e, como professor da rede de ensino, sentia a necessidade de dar continuidade neste trabalho para que as crianças conheçam nas lendas uma riqueza imprescindível, pois é nesse campo fértil que o imaginário popular atua.

Por fim, o acadêmico “E” enfatizou que a experiência obtida na disciplina de literatura infantil foi excelente, ampliando o conhecimento sobre os vários tipos de textos utilizados em sala de aula, no entanto, o que marcou, além da experiência do registro das lendas, foi a oficina literária realizada na disciplina.

Quanto aos moradores da comunidade, somente dois foram entrevistados, pois a seleção não foi aleatória, mas sim com aqueles que tinham conhecimento sobre as lendas regionais. Também serão utilizadas as letras A e B para nomear os moradores entrevistados, cuja análise geral das respostas nos fornece uma boa visão do perfil dos mesmos.

O entrevistado “A” tem 87 anos, é da etnia macuxi e tem a função de Pajé na comunidade de São Jorge. Foi alfabetizado na língua macuxi, na qual fala até os dias atuais. Questionado sobre o episódio mais feliz de sua vida ele informou que foi a demarcação e a homologação da Área Indígena Raposa Serra do Sol. Destacou ainda a preocupação da comunidade em repassar as tradições, a história da comunidade, porém isso acontece só nos períodos de festas e, especialmente, no dia do índio. Ele ainda profere que o momento da entrevista trouxe boas recordações e gostaria que fosse feito um trabalho de registro das narrativas existentes na comunidade para que as lendas perpetuassem para sempre, mantendo vivo os costumes que ora estão desaparecendo.

O entrevistado “B” tem 32 anos, é da etnia macuxi e tem a função de Tuxaua na comunidade de Surumu. A língua em que foi alfabetizado é o português e, apesar de ter como língua materna o macuxi, não sabe falar. Episódio

recente na comunidade, falou de sua satisfação com a assinatura do Decreto que autorizou a homologação e a demarcação da Reserva Indígena Raposa Serra do Sol, o que, para ele, ajudará a comunidade em repassar as tradições e histórias. Desse modo, considerou importante que fosse feito o registro de mais lendas para manter o conhecimento e a cultura dessa comunidade.

Desse modo, considerando o que foi relatado pelos acadêmicos e pelos moradores entrevistados, é imprescindível que se criem ações para envolver os alunos em situações que, necessariamente, exponham o seu ponto de vista, façam comparações e cheguem a conclusões a partir de sua vivência pessoal. Para tanto, é necessário propor textos correlacionados aos interesses do grupo, criando ofertas múltiplas e instigantes, proporcionando, desse modo, uma imersão no mundo da leitura e oferecendo condições para que ela se torne, efetivamente, uma prática interdisciplinar e intertextual.

Por isto, acredita-se que o ensino da literatura desde as séries iniciais é o meio para promover o gosto e a aprendizagem de leitura, garantindo melhores resultados no aprimoramento do desempenho dos alunos para que tenham uma educação literária.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredita-se que esse trabalho foi capaz de oferecer aos acadêmicos tanto o aprendizado teórico como o prático, além do desejo e o fascínio pelas narrativas coletadas na sua própria comunidade. Isto promoveu de certa forma, um retorno às origens, as lembranças, pois as lendas permeiam a vida do indígena em todas as fases de sua existência, respondendo aos anseios mais profundos.

A idealização da proposta do livro teve como diretriz registrar as lendas existentes no Distrito Surumu, permitindo o desenvolvimento da leitura como forma de valorização da diversidade cultural, considerando que é uma referência importante na formação do aluno leitor. O livro assim concebido tornará um instrumento a mais no reforço da identidade dos povos indígenas.

Neste caminho, a expectativa foi colaborar de forma positiva com a comunidade, valorizando seus saberes, evidenciando suas riquezas históricas, culturais e naturais, utilizando todo este arsenal como meio pedagógico para a

melhoria do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. A ação investigativa despertou o leitor adormecido em cada acadêmico, considerando que a experiência vivenciada foi de imensa riqueza no que se refere à construção de um novo conhecimento acerca do literário.

Portanto, espera-se que o estudo possa mostrar a relevância das narrativas orais e algumas das singularidades dos povos indígenas, das diferentes etnias, crenças e o modo de vida. Conhecer a cultura indígena faz parte da construção e do respeito que se tem pelo outro. Pois o acesso à uma educação escolar contextualizada e adequada às necessidades não é só um direito do aluno indígena, mas de todo brasileiro.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.). **Povos Indígenas & Educação**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

BRAGATTO Filho, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Referenciais para formação de professores indígenas**. Brasília: MEC – CGAEI, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem de hoje:** caminhos de ensino. São Paulo: Paulinas, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos.** São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Ato de Ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987.

TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL: Contínua e Constitucional. Conselho Indígena de Roraima-CIR, Roraima, 2008. 1 DVD, son., color.